



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação

**O TORNAR-SE ARTURO NA FESTA DO ROSÁRIO: SABERES
COMPARTILHADOS NOS ENTRELAÇAMENTOS COTIDIANOS**

Karla Tereza Ocelli Costa¹

José Alfredo Oliveira Debortoli²

Resumo: Apresentamos aspectos do cotidiano dos Arturos em suas experiências culturais. O tornar-se Arturo revelou-se como constituinte de uma aprendizagem na prática, influenciada sistematicamente por ações cotidianas nas quais fazer/aprender envolve relações de poder, acordos, negociações e conflitos inerentes à vida social. Este estudo contribuiu para que ampliássemos o foco de compreensão da escola, movendo-nos em direção a contextos de relações nos quais se revelam diferentes modos de viver.

Palavras-Chave: Grupo com ancestrais do continente africano. Conhecimento. Aprendizagem.

¹ Mestre; UNIFEMM; karla.costa@unifemm.edu.br

² Doutor; UFMG; dbortoli@eefito.ufmg.br



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

“Sou um Arturo, sou filho do Rosário, ele me protege do mundo”.

Assim se apresentaram os Arturos, quando de nossa primeira visita à comunidade. Descobrir o percurso para se constituir um Arturo nos intrigou desde o início. Que sentimento é este que emerge na relação com o outro, ocupando espaço, tornando-se presente e forte? Aprende-se a ser Arturo? Essas questões borbulhavam em nossa mente e nos fizeram buscar adentrar neste mundo de luta, de resistência, de coletividade. Muito pouco sabíamos sobre o cotidiano dessa comunidade, suas práticas e suas festas.

Mas, quem são os Arturos e por que estudá-los?

Uma de nossas maiores inquietações era a de que, das tantas identidades possíveis de serem constituídas também no ambiente escolar, percebíamos ainda entre os estudantes muita resistência em assumir uma identidade negra³.

A partir de 2003, com a promulgação da Lei 10.639 que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, abriu-se espaço para que se expandisse o estudo da cultura africana e afro-brasileira. Mesmo que ainda de forma tímida, houve repercussões pedagógicas importantes no sentido do reconhecimento pela escola da necessidade de valorizar a história e cultura da população brasileira, buscando também reparar danos provocados pela omissão da contribuição dos africanos e afrodescendentes na história e formação do povo brasileiro.

Decidimos, então, investigar se o brincar festejando e/ou festejar brincando poderia ter influência na construção de uma identidade. Buscamos entender que relações emergem a partir da participação da Comunidade dos Arturos na Festa

³ Percepção formada a partir da experiência de 5 anos da pesquisadora como professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Contagem/MG.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

do Reinado de Nossa Senhora do Rosário⁴, sabendo que esta participação é construída na relação com seus pares influenciados pela estrutura de rede social (família, comunidade, escola...), processos educativos e acesso a bens materiais e culturais.

A Comunidade dos Arturos está localizada no município de Contagem e mantém vivas tradições negras do Brasil em pleno coração da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O grupo tem a origem ligada ao negro Camilo Silvério, então escravo que chegou a terras mineiras no final do século XIX. É a partir de seu filho, Artur Camilo Silvério que as informações sobre a formação da Comunidade ganham corpo. Ele é o fundador da Comunidade dos Arturos, já no nome podendo-se atestar a força da ancestralidade que é o “arcabouço mantenedor da vitalidade dos Arturos contemporâneos” (GOMES; PEREIRA,2000, p.163). Desde então, são mais de 120 anos de tradição.

O modo de ser Arturo se expressa fundamentalmente nas manifestações artístico-culturais e celebrações do Sagrado que a comunidade preserva e recria. A festa para os Arturos é “fator de aliança e elemento agregador da comunidade” (GOMES;PEREIRA,2000, p.215), na qual a religiosidade da comunidade transborda e seus integrantes se transmutam em “*filhos do Rosário*”.

Pretendíamos, então, entender como se daria o acesso à Festa do Rosário pelos integrantes da comunidade. Buscamos dialogar com estudos sobre a Comunidade dos Arturos, e, partir do que já tinha sido proposto, trazer à tona sob a lente do Lazer aquilo que emerge das relações dos Arturos com suas festas e com o mundo.

Trazendo para o centro da conversa a prática festiva seria possível compreender as festividades como reveladoras de identidades que se expressam

⁴Festa principal para a comunidade. Acontece anualmente em Outubro.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

no envolvimento, participação, aprendizagem e experiência cultural. Estudar o Lazer tornou-se, assim, fundamental, entendendo-o aqui como perspectiva de olhar que busca romper com dicotomias, que permite olhar para o cotidiano rompendo com os dualismos trabalho/tempo livre; trabalho/cultura.

Para compreendermos melhor todo esse envolvimento dos Arturos com as festas, buscamos na Antropologia um aporte teórico relacional, focado na “pessoa inteira” – tão histórica quanto subjetiva –, no sentido proposto por Christina Toren (2001; 2010; 2012), entrelaçada em uma historicidade engajada, participativa, “(en)corporada”. Para Toren, a forma como participamos da vida social é a própria chave de compreensão no mundo. Procuramos entender como na partilha das relações sociais constituímos cada um e todos nós; provocados a tomar consciência de uma diversidade de histórias de relações que nos desafiam compreender como nos tornamos o que somos (TOREN, 2001, p.156).

Com esse sentido, em especial provocados pelos estudos de Jean Lave (1991; 1993; 1996; 2008), buscamos ampliar o foco de compreensão da escola, movendo-nos em direção a outros contextos de relações sociais.

A aproximação das pessoas, em seus contextos e de suas práticas, nos provocou um deslocamento de uma discussão centrada no ensinar, nas metodologias de ensino e na escolarização do conhecimento. Isto nos reforça um entendimento de que vivemos mergulhados em experiências culturais e implica-nos compreender que o acesso ao conhecimento é indissociável da possibilidade de sua realização; que o conhecimento é indissociável das formas de participação e de produção de uma vida coletiva.

No sentido proposto pelo antropólogo Tim Ingold (2010), aprendemos porque pousamos nos ombros de nossos antepassados; porque temos relações a copiar e práticas a repetir. Aprendemos porque ao repetir e copiar participamos de uma produção inventiva e criativa da vida. Aprendemos porque em nossos



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

envolvimentos cotidianos emergem possibilidades de produção de si mesmo e da vida social.

O conhecimento, assim compreendido, não é o pressuposto da prática. Ao contrário, é a prática social que faz emergir o conhecimento, que se realiza coletivamente. Para Joana Overing (1999) o aprender está sempre ligado aos processos pelos quais os conhecimentos se realizam. Não está em uma única pessoa que o repassa para os demais. O conhecimento emerge dos processos de viver culturalmente, onde se revela em e como totalidade encarnada, e só pode ser compreendido em um fluxo de relações.

Com sentido semelhante, Antonella Tassinari (2009), ao problematizar a escola em contextos indígenas, assinala o cuidado para não se naturalizar a redução do convívio social das crianças aos processos de institucionalização dos “espaços infantis”, sob o risco de também naturalizarmos mundos infantis separados e específicos. Provoca-nos pensar que isto, de forma paradoxal, pode privar as crianças do desenvolvimento de sua autonomia frente ao conhecimento, das próprias condições de aprendizagens, das habilidades e das inventividades necessárias à vida social, em suas diferentes formas de vivê-la.

Tais reflexões não se contrapõem à importância da escola e do direito à escolarização. Nossa intenção é propor um alargamento do entendimento de educação e das relações possíveis, também, no contexto escolar, provocando um estranhamento de uma ideia de escolarização “restrita ao submetimento de pessoas, conhecimentos, sensibilidades e valores aos imperativos escolares, onde os processos de ensinar e aprender se revelam com fim em si mesmo, e a Escola passa a ser vista como o *locus* por excelência, onde tudo, por transposição, pode ser ensinado e aprendido.” (GOMES, 2007, p.3).

Propomos, com este artigo, descrever aspectos do cotidiano da Comunidade dos Arturos que se revelam em experiências culturais e que fazem emergir uma riqueza de relações, conhecimentos e desafios para uma vida em



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

comum. As respostas encontradas ganharam centralidade e visibilidade não apenas em sujeitos tomados de forma isolada, nem em uma estrutura estática de signos determinantes da organização da vida social. Nosso foco analítico voltou-se para uma prática social, que também emerge da totalidade das experiências cotidianas: a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Para conhecer os Arturos, buscamos enfocar aspectos marcantes no universo da Festa de Nossa Senhora do Rosário, discutindo como a participação neste contexto produz um processo identitário fundamental para reconhecer-se e tornar-se um Arturo. Cada gesto, cada detalhe, a batida das caixas, o ritmo da dança, requer atenção e aprendizado.

Aprendem, pouco a pouco, a posicionar-se no mundo, envolvendo-se no contexto da Festa e seus artefatos culturais. Cada fazer adquire significado e importância, (re)produzindo-se de forma criativa e inventiva, cotidianamente.

Os Arturos possuem uma ancestralidade forte, de antepassados que vieram para o Brasil, cujas lembranças trazem à presença uma história de luta e resistência, que revivem e narram em seu cotidiano. A vivência do Congado⁵ contribui para os Arturos formarem um quadro amplo de preservação e reelaboração das heranças dos antepassados. Em seus cantos e orações, resgatam a linguagem dos antepassados entrelaçada com a linguagem aprendida na vida cotidiana, tendo como elo a experiência comunitária, gerando identidade para cada um de seus integrantes.

Como eles próprios dizem o respeito pelo “*que nossos pais fizeram*”⁶ orienta a vida da comunidade, sem coibir a expressão de novas relações com o mundo. Serve como um porto seguro, um momento sagrado. Promover festas

⁵ Festejo popular afro-brasileiro.

⁶ Fala do Sr. João Batista, neto de Arthur Camilo. No texto, as falas de nossos “*anfitriões*” Arturos serão destacadas em itálico e entre aspas.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

significa para os Arturos não apenas lembrar o passado, mas a criação e a recriação de uma história sagrada de sua família, e de seus mitos de origem. Festejar é o próprio sentido da vida. Assim, o Congado é uma festa, mas também um desafio: chama para reza e para luta. O Ser dançante do Congado disponibiliza seu corpo para que nele ocorram as forças da ancestralidade. Ao mesmo tempo em que trabalham e enfrentam as dificuldades cotidianas, os “*filhos do Rosário*” festejam, fazendo transbordar uma consciência coletiva, que os faz Arturos, filhos de África.

A Festa do Rosário se abre como uma fresta no tempo e instaura um espaço-tempo mítico e narrativo. Neste contexto, a educação das crianças apresenta-se como um dos pontos mais profícuos para o entendimento da estrutura social dos Arturos, pois, em casa elas aprendem desde pequeninas a linguagem através das danças do Congado, compartilhada com seus antepassados.

A convivência se apresenta como um jogo que depende do outro para que aconteça. Festejar para as crianças Arturos emerge como brincadeira de preparar as bandeirinhas que enfeitarão o terreiro e a capelinha e ao dançar, cantar, bater caixa, experimentando movimentos, o corpo, a música, a dança, a festa.

Ocupando lugares simbólicos importantes na Festa e em sua organização, as crianças paulatinamente apreendem o que constitui os saberes e fazeres do Congado. A presença constante nas festas e rituais e o envolvimento com as práticas conferem aos pequenos Arturos, no sentido de Lave (1991), um acesso pleno e legítimo.

Para fazer parte da prática festiva, quanto mais participativo, mais preparado, numa retroalimentação entre o que está posto e a aprendizagem. Não é possível saber com precisão onde começa um e termina o outro. Aprende-se fazendo, torna-se um Arturo sem ter sido ensinado como sê-lo: - “*Ser Arturo é um jeito de ser que a gente descobre e aprende aqui, pregando bandeirinha, ouvindo*



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

as histórias, cantando e rezando. Foi assim que eu aprendi. Não sei como explicar. Sei que é assim.” (D. Tetane, filha de Artur Camilo, out/2012)

Participando da Festa, levando e trazendo essas experiências para seu cotidiano, os Arturos vão produzindo processos de atuar de forma efetiva e qualificada na comunidade. Essa construção identitária é de suma importância para o sujeito, visto que será a partir dela que ele se sentirá autor de sua história. Zerbo (1982) afirma que não se pode amar aquilo que não se conhece. Para Munanga (2002), a identidade cultural se constrói com base na tomada de consciência das diferenças provinda das particularidades históricas, culturais, religiosas, sociais, regionais etc. A identidade não é assim, fechada, imune ao contato, alheia aos movimentos das relações cotidianas. Ela é plural, afetada por relações. Constituí-la pressupõe um reconhecer-se, a partir de seus pares, a partir do outro e a partir do que emerge destas relações.

Nas festas e rituais, acontecem incentivos e correções mútuas dentro da comunidade. A observação atenta e silenciosa, o imitar inicialmente desastrado e sem jeito se tornam, no contexto da aprendizagem, elementos essenciais das relações na Festa, pois comunicam o saber Arturo.

A riqueza dos dados elaborados no campo de pesquisa em diálogo com as pessoas mostrou que, tanto em suas narrativas, quanto em sua participação na prática festiva, nossos *anfitriões* utilizam da observação como ação fundamental para suas aprendizagens. Como também observou Bergo (2011, p.230), “em nossa tradição de pensamento o ato de observar é desvalorizado em detrimento da ação e da atividade, especialmente em si tratando da aprendizagem de algo que exige habilidades motoras, como é o caso de aprender a tocar instrumentos musicais”.

Destacamos, nesse sentido, como a observação é levada a efeito pelas crianças Arturos. Longe de ser uma atividade passiva, envolve atenção, presença e relação. Mas a observação também é uma construção relacional, que requer



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

aprendizado e constituição de um olhar e presença sensível, cuidadosa, atenta e, por isto, reflexiva. Participar da Festa, saber tocar os instrumentos, proteger-se com o Rosário, rezar junto ao Altar pedindo proteção aos Santos é mais que uma estratégia para aprender a ser a Festa. É uma forma de se conectar aos fundamentos e rituais do Congado, participando diretamente em sua prática.

Os mais velhos operam, empiricamente, seus saberes e habilidades a partir das experiências acumuladas em anos de prática. Eles se comportam de modo muito semelhante ao modo como viram seus pais e avós agirem. Acabam por reproduzir o modelo em que eles mesmos aprenderam.

De modo geral, é por meio de observações, críticas, encorajamentos ou apenas pela presença, que os mais experientes se relacionam com aqueles que começam a trilhar seus caminhos no Congado. A partir da reflexão sobre esses aspectos da prática festiva na comunidade, percebemos que os modos de aprendizagem que fazem parte do repertório partilhado entre os Arturos não acontecem a partir do seu ensino explícito, mas sim da visibilidade que tais ações vão assumindo no dia a dia da comunidade. Cada vez que tocam, cantam, dançam, batem caixa, os Arturos não estão fazendo sempre a mesma coisa. Nos momentos que estão conversando, ouvindo histórias, trocando informações, batendo caixas, tocando o patangome, eles estão se habilitando, se apropriando do modo de ser Arturo. Assim, mais que repetir ou reproduzir, os Arturos exercitam e experimentam a Festa e, desse modo, podem aprendê-la. E, a partir desta aprendizagem se constituem Arturos. Um fazer/aprender que envolve relações de poder, acordos, negociações e conflitos inerentes a vida social. É a partir desse envolvimento que o Arturo aprende os gestos, os significados, as emoções, as disposições corporais e identidades que o produzem Arturo.

A festa do Rosário permanece até hoje porque é compromisso de amor, uma função sagrada recebida pelos ancestrais, porque é nela e partir dela que emerge o ser Arturo que brilha dos olhos de cada integrante da comunidade.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

E este “brilho nos olhos” possibilita como sugere Nilma Lino Gomes (2003), (...) a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (GOMES, 2003, p.79)

A experiência na Comunidade dos Arturos nos fez refletir que efetivamente urge um deslocamento da discussão centrada no ensinar, nas metodologias de ensino e na escolarização do conhecimento. É importante que pensemos que o acesso ao conhecimento é indissociável da possibilidade de sua realização; que o conhecimento é indissociável das formas de participação e de produção de uma vida coletiva.

O dia a dia com os Arturos reafirmou nossa ideia de que o conhecimento não é o pressuposto da prática. Ao contrário, é a prática social que faz emergir o conhecimento, que se realiza coletivamente. Ele não está em uma única pessoa que o repassa para os demais. O conhecimento emerge dos processos de viver culturalmente e só pode ser compreendido em um fluxo de relações.

Reafirmamos que nossa proposta reflexiva não se contrapõe à importância da escola e ao direito à escolarização. Nossa intenção foi propor um alargamento do entendimento de educação e das relações possíveis, também, no contexto escolar. Acreditamos que esse olhar mais alargado possa contribuir muito na construção de uma escola mais humana, sensível e democrática.

REFERÊNCIAS

BERGO, Renata Silva. **Quando o Santo Chama**: O terreiro de Umbanda como contexto de aprendizagem na prática. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. (Tese de Doutorado)



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

BRASIL. **Lei Federal, número 10.639 de 9 de janeiro de 2003.** Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em:
13/9/2010.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Escolarização, Estranhamento e Cultura. **Anais do XV Conbrace.** Recife, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-84, maio/ago. 2003

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: os Arturos.** 2ª. Ed. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.

INGOLD, Tim. Da Transmissão de Representações à Educação da Atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 6 – 25, jan/abr, 2010.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation.** Cambridge University Press, 1991.

LAVE, Jean. The practice of learning. In. CHAIKLIN; LAVE. Understanding Practice, 1993.

_____, Jean. **Teaching, as learning, in practice.** Mind, Culture and Activity, v. 3, n. 3, p. 149-164, 1996.

_____, Jean. Epilogue: situated learning and changing practice. In. AMIN. A; ROBERTS, J. **Community, economic, and organization.** Oxford – New York, 2008.

MUNANGA, Kabengele **A identidade negra no contexto da globalização.** Revista Ethnos Brasil. São Paulo: Unesp, Ano 1, n.1, mar/2002. p.11-20.

OVERING, Joanna. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. **Mana**, vol.5, n.1, p. 81-107, 1999.

TASSINARI, Antonella. Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a Escola. **33º Encontro Anual da Anpocs**, 26 a 30 de outubro de 2009.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

TOREN, Christina. The Child in Mind. In: WHITEHOUSE, Harvey. **The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography**. Oxford: Berg, 2001.

_____, Christina. **A Matéria da Imaginação**: o que podemos aprender com as crianças fijianas sobre suas vidas com os adultos. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 19-48, jul./dez. 2010.

_____, Christina. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 27, nº 80, p.21-36, outubro, 2012.

ZERBO, Joseph K. (org.). **História Geral da África**. São Paulo: Ática-Unesco, 1982.